

PODEM AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS FALAR? UMA ANÁLISE DA OBRA DE “PRETA-RARA” À LUZ DAS AUTORAS FEMINISTAS PATRICIA HILL COLLINS, GAYATRI SPIVAK E GRADA KILOMBA

Bruno Jackson Avelino de Pinho Camilo¹

RESUMO: Este artigo se propõe a analisar como o trabalho da professora, rapper, escritora e ex-doméstica Joyce da Silva Fernandes, conhecida como Preta-Rara, especialmente a partir da página de Facebook “Eu empregada doméstica”, contribui para a autodefinição das trabalhadoras domésticas, a partir do conceito da autora feminista Patricia Hill Collins. Além de sustentar a hipótese de que essa autorrepresentação é essencial para despertar uma consciência transformadora nessas mulheres, este artigo defende que as trabalhadoras domésticas, mesmo na condição de subalternas, podem sim falar, no sentido de reagir ao sistema de dominação que as oprime. Para isso, o presente trabalho dialoga com as ativistas Gayatri Spivak e Grada Kilomba para aprofundar o debate em relação a uma questão cara para ambas as autoras: podem as subalternas falar?

PALAVRAS-CHAVE: Preta-Rara. Serviço doméstico. Subalternidade. Racismo. Feminismos negros.

CAN DOMESTIC WORKERS SPEAK? AN ANALYSIS OF THE WORK OF “PRETA-RARA” ACCORDING TO FEMINIST AUTHORS PATRICIA HILL COLLINS, GAYATRI SPIVAK AND GRADA KILOMBA

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze how the work of the teacher, rapper, writer and former domestic worker Joyce da Silva Fernandes, better known as Preta-Rara, especially from the Facebook page “I Domestic Worker”, contributes to the self-definition of female workers housework, based on the concept of feminist author Patricia Hill Collins. In addition to supporting the hypothesis that this self-representation is essential to awaken a transformative awareness in these women, this article argues that domestic workers, even as subalterns, can indeed speak, in the sense of reacting to the system of domination that oppresses them. For this, the present work dialogues with the activists Gayatri Spivak and Grada Kilomba to deepen the debate in relation to an issue dear to both authors: can subalterns speak?

KEYWORDS: Preta-Rara. Domestic service. Subalternity. Racism. Black feminisms.

Introdução

Pode a subalterna falar? Perguntariam as intelectuais negras feministas Gayatri Spivak (2010) e Grada Kimbola (2019) – autoridades no assunto. Parafraseando as autoras, este artigo propõe a seguinte pergunta: podem as trabalhadoras domésticas falar? Sim, certamente responderia a ativista Petra-Rara², que não apenas se notabilizou como uma voz de denúncia contra maus-tratos e preconceitos sofridos por trabalhadoras domésticas como também criou

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O autor estuda a comunidade indígena Pataxó Gerú Tucunã (localizada no Leste do Estado de Minas Gerais) e sua interseccionalidade cultural.

² A maior parte das fontes disponíveis na internet que citam Preta-Rara grafam o nome da artista sem hífen. Porém, o famoso livro da artista, *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna e o quartinho da empregada*, grafa Preta-Rara com hífen; diante disso, este artigo opta por escrever a alcunha da artista com hífen.

uma alternativa autêntica para dar voz a domésticas e ex-domésticas exploradas e humilhadas no exercício da profissão. Afinal, quem é Preta-Rara e qual a importância do seu trabalho para visibilizar a voz de tantas mulheres marginalizadas?

Feminista, negra, professora de História, rapper, escritora e ex-doméstica, Joyce da Silva Fernandes, que adotou o nome artístico Preta-Rara, nasceu em Santos (SP), em 13 de maio de 1985. Filha de um carteiro e uma trabalhadora doméstica, Preta-Rara compunha rimas desde cedo, o que levou seu pai a incentivá-la a criar letras de rap. Quando tinha 20 anos, em 2005, ela foi protagonista na criação de um dos primeiros grupos feministas de rap de Santos, o Tarja Preta³. Nessa época, a artista já despontava como uma voz potente contra o racismo e outras formas de preconceito.

Em 2016, Preta-Rara alcançou visibilidade nacional quando, em julho daquele ano, ela criou a página “Eu Empregada Doméstica”, disponível no Facebook, inicialmente para publicar relatos de humilhações que ela sofrera nos anos em que trabalhou como doméstica. A iniciativa surgiu de maneira despretensiosa – como ela mesmo contou no evento TEDxSãoPaulo, em 2017. Contudo, a página alcançou um sucesso estrondoso em menos de quatro meses.

Inspirada no nome da página que criou no Facebook, Preta-Rara lançou, em 2019, o livro *Eu, Empregada Doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*, em que ela não só narra a sua própria trajetória como expõe relatos de outras mulheres que sofreram situações degradantes no exercício do trabalho doméstico. É interessante observar como Preta-Rara analisa o sucesso repentino da página que ela idealizou na internet.

Como eu já escrevia algumas reflexões com viés político em meu perfil do Facebook, resolvi postar minha última experiência como doméstica e inventei uma *hashtag*. Falei para as pessoas que tiveram e tivessem experiências como a minha, escrevessem e me marcassem, assim eu poderia ler também. Reforcei que não esquecessem de colocar #EuEmpregadaDomestica, pois assim eu conseguiria acompanhar os relatos. Isso aconteceu no dia 19 de julho de 2016. Lembro que fiz essa postagem, limpei a minha casa e fui para o estúdio ensaiar, pois tinha um show grande pra fazer. Quando cheguei no estúdio já era umas 21h e os caras da minha banda começaram a falar: “Meu, você mexeu num vespeiro. Tá todo mundo falando sobre isso, já tem até matéria em *site*.” Fiquei sem saber do que eles estavam falando. Foi quando um deles me mostrou o *post* no Facebook com quase 10 mil *likes* e mais de 5 mil compartilhamentos. Aquele meu *post* tinha viralizado no Brasil com menos de 24 horas.

Os dias seguintes foram uma loucura. Naquela madrugada pós-ensaio eu resolvi criar uma página e postar todos os relatos recebidos. Aconteceu tudo tão rápido que me lembro que passei o restante dos dias das minhas férias

³ Estas informações sobre a biografia de Preta-Rara foram publicadas em uma reportagem consistente sobre a artista, no portal UOL, em 11 de julho de 2017, disponível no link: <<https://revistacult.uol.com.br/home/preta-rara-faz-do-desconforto-seu-motor-criativo/>>.

lendo todos os *e-mail* e os relatos postados na página. [SIC] (PRETA-RARA, 2019, p. 26)

Até março de 2023, a página *Eu Empregada Doméstica* tinha 163 mil seguidores e 161 mil curtidas. Alguns relatos que constam na página são estarrecedores, como este a seguir, publicado em 13 de julho de 2021:

Relato C.D

Queria compartilhar o que rolava no lugar que eu trabalhei! É uma empresa de pequeno porte/medio e familiar, os donos são irmãos e tem a síndrome da classe média que se acha rica sabe?

A empresa inteira conta com apenas uma faxineira pra limpar tudo sozinha. São 2 prédios com umas 8 salas, recepção, 2 refeitórios, 6 banheiros (inclusive um vestiário com mictório, várias privadas e chuveiros). Ela ainda tem que fazer o café pros funcionários em ambos os prédios E o almoço e lanchinhos da manhã e da tarde pra diretoria.

E você acha que para por aí?

A diretora com síndrome de sinhá ainda por cima pede ocasionalmente pra essa única faxineira fazer uma marmitinha com janta pra ela, quando começou a pandemia não queria entrar com o sapato sujo em casa e levava pra faxineira limpar calçado por calçado, já levou até pincel de maquiagem pra ela limpar... Com certeza ainda tem mais coisa que eu poderia contar, mas me fugiu da mente agora.

E o que mais me entristece é ver a moça que ta sendo explorada morre de medo de falar alguma coisa, impor algum limite, pq se fizer vai acabar indo pro olho da rua.

[#EuEmpregadaDomestica](#) [SIC] (FACEBOOK, *Eu Empregada Doméstica*, 2021)

Este relato dialoga com as análises (com caráter de denúncia) de racismo trazidas à tona pela ativista negra Lélia Gonzalez. Ao comparar a exploração da mulher negra como a permanente mucama do período escravagista brasileiro, Gonzalez defende que, no caso da “doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (GONZALEZ, 2020, p. 8).

Nesse cenário de subjugação, exploração e invisibilidade, há espaço para que as vozes das trabalhadoras domésticas sejam ouvidas? Como a autodeterminação dessas mulheres pode contribuir para emancipá-las e libertá-las do jugo da opressão? É possível transformar a dura realidade dessas profissionais? Essas são questões centrais para o presente artigo e serão analisadas na sequência.

Autodefinição para uma consciência transformadora

A página “Eu, empregada doméstica”, criada por Preta-Rara no Facebook, bem como a repercussão e o debate gerado a partir da iniciativa da artista podem não ter, à primeira vista, um potencial transformador da realidade das trabalhadoras domésticas, porém evocam um princípio potente: “o poder da autodefinição”, parafraseando Patricia Hill Collins (2019), porquanto essa autodefinição seria um instrumento para estimular a autovalorização dessas mulheres, o que levaria aos próximos estágios, quais sejam a consciência da realidade a que estão submetidas e o encorajamento para transformá-la.

Collins é representante do pensamento feminista negro e seu objeto de análise são as mulheres afro-americanas dos Estados Unidos. Não obstante, a argumentação da autora também serve de baliza para analisarmos a situação de discriminação contra as trabalhadoras domésticas de forma geral. Ao falar de autodefinição, Collins está se referindo ao momento em que a mulher negra se reconhece como tal, vê com clareza o ambiente desfavorável em que está inserida e opta por reagir a essa situação (2019, p. 183). Contudo, a autora exorta que essa autorrepresentação só é eficaz quando as mulheres negras se identificam entre si, o que é provável de ocorrer, visto que esse “reconhecimento compartilhado muitas vezes acontece entre afro-americanas que, embora não se conheçam, percebem a necessidade de valorizar a condição da mulher negra.” (COLLINS, 2019, p. 188-189).

Outrossim, a página “Eu empregada doméstica” de Preta-Rara é um bom exemplo desse espaço de “reconhecimento compartilhado”, em que mulheres, negras ou não, identificam-se entre si e veem, mesmo que em uma simples página de Facebook, um “espaço seguro em busca de voz”, nas palavras de Collins, uma vez que:

[...] ao promover o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros as ajudam a resistir à ideologia dominante promulgada não apenas fora da sociedade civil negra, mas também dentro das instituições afro-americanas. (COLLINS, 2019, p. 185).

O fato de Preta-Rara ter proporcionado esse espaço de voz para trabalhadoras domésticas ou ex-trabalhadoras domésticas, com forte viés antirracista, é potente, porquanto a “questão de as mulheres negras ouvirem realmente umas às outras é significativa, especialmente pela importância da voz na vida delas” (COLLINS, 2019, p. 189). Não obstante, somente esse espaço de identificação e compartilhamento de vozes é insuficiente para transformar a realidade dessas mulheres. Collins (2019) reconhece isso, mas reforça que ter acesso a esse espaço é um passo fundamental em direção à autodefinição e a uma consciência transformadora, já que “a

conexão entre os indivíduos proporciona às mulheres negras autodefinições mais profundas e mais significativas” (2019, p. 205).

Essa autorrepresentação em grupo tem valor simbólico, mas ainda assim não será efetiva na prática se não existir um componente de iniciativa pessoal em direção à emancipação. A própria Preta-Rara recorreu a essa iniciativa quando se deu conta de que era hora de superar a realidade que lhe oprimia:

Uma vez, umas das convidadas dela [ex-patroa de Preta-Rara], na hora do almoço, inventou de ir na cozinha. Eu não entendi isso até hoje. A convidada me viu comendo em uma vasilha, em pé na porta da área de serviço, e achou um absurdo. Aí fui desabafar com ela. Só que essa moça contou para a minha patroa, e na mesma semana ela me mandou embora dizendo que eu estava avacalhando e envergonhando o nome dela perante as pessoas.

Esse foi meu último trabalho, pois nesse mesmo ano eu consegui ingressar na Universidade Católica de Santos, no curso de História. No segundo semestre consegui em um estágio para trabalhar no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. Até nesse estágio, uma vez trabalhando como educadora, uma das pessoas que eu iria dar visita técnica achou que eu era a “tia da limpeza”. Não mais! (PRETA-RARA, 2019, p. 25)

Esse “Não mais!” de Preta-Rara revela o momento crucial no qual ela estava dando seu passo decisivo no âmbito da consciência transformadora, processo que vai ao encontro da concepção de Collins a respeito do poder da autodefinição. A autora usa seu próprio exemplo pessoal para demonstrar o quão potente é esse processo rumo a essa consciência de si própria:

Quando nós, mulheres negras, nos autodefinimos, rejeitamos claramente o pressuposto de que aqueles em posição de autoridade para interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo. Independentemente do conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos. (COLLINS, 2019, p. 206)

Ao encontro do que afirma Collins, Preta-Rara rejeitou a forma como seus ex-patrões queriam definir a realidade da artista. Destarte, a iniciativa de Preta-Rara com sua página no Facebook, a literatura, suas composições de rap e sua voz ecoada na mídia tem potencial transformador, pois um grupo de mulheres com “consciência transformada pode, por sua vez, promover o empoderamento coletivo das mulheres negras. Uma consciência transformada encoraja as pessoas a mudar as condições de sua vida ” (COLLINS, 2019, p. 211).

De toda forma, é importante reforçar, como defende Collins, que “a responsabilidade final pela autodefinição e pela autovalorização está dentro de cada mulher” (2019, p. 212). É uma espécie de luta interior, que, ao ser externada com contornos de autovalorização, tem potencial transformador, como se pode perceber no trecho do rap *Audácia*, composto por Preta-Rara e lançado em 2018:

Lutei, lutei
E não desacreditei
Lutei, lutei
E não desacreditei
Preta-Rara está aqui
Mais uma vez pra dizer que Lutei. (PRETA-RARA, 2018)

Rompendo o centro

“Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?”. Estas são questões propostas por Grada Kilomba no capítulo inicial de sua obra *Memórias da Plantação* (2018, p. 33), a partir da qual ela convida a uma importante reflexão sobre as consequências do silenciamento da voz da população negra. Destarte, esse silenciamento compromete a autodeterminação e a presença das pessoas negras em determinados espaços tradicionalmente dominados por brancos.

Grada Kilomba inicia a reflexão a partir da “metáfora da boca”, usando como referência o retrato da “Escrava Anastácia” (1740), do francês Jacques Etienne Arago, que retrata uma africana trazida à força ao Brasil para ser escravizada. Como se pode perceber no retrato, Anastácia “foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, além da máscara facial que a impedia de falar” (HANDLER; HAYES, 2009 apud KILOMBA, 2019, p. 36).

Silenciar Anastácia era estratégico para o sistema escravagista comandado por homens brancos. Emudecer aquela mulher e todas as outras negras e negros era garantir que a voz das senzalas e de outros espaços destinados à população afrodescendente não ecoaria. Enfim, não haveria espaço para contestação do *status quo* que sedimentava a sociedade escravocrata. Daí a iniciativa de Kilomba ao optar por explorar a metáfora da boca, pois este órgão responsável pela fala, diz ele:

[..] também é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o *sujeito negro* quer possuir algo que pertence ao senhor *branco*: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau. Ela ou ele querem *comê-los*, devorá-los, desapropriando assim o senhor de seus bens. Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. (KILOMBA, 2019, p. 34, grifos da autora).

Nesse sentido, seria Preta-Rara uma voz de resistência para romper a máscara facial de outras Anastácias e garantir-lhes um espaço seguro de fala, como sugere Patricia Hill Collins? O ativismo de Preta-Rara com a música, a internet e a literatura tem potencial para visibilizar mulheres – negras ou não – silenciadas cotidianamente, como se pode constatar nos relatos da página de Facebook “Eu empregada doméstica”? Este artigo responde “sim” a essas questões,

mas com a consciência de que esse silenciamento é tão sistemático e enraizado na sociedade que romper essa máscara facial é uma tarefa bastante complexa, a exemplo do que argumenta a indiana Gayatri Chakravorty Spivak.

A partir da célebre obra *Pode o subalterno falar?* (2010), Spivak faz um exame profundo sobre como as mulheres inseridas em grupos subalternos têm suas vozes silenciadas sistematicamente. Um dos exemplos a que a autora recorre para sustentar seu ponto de vista refere-se às *sati*⁴ indianas, que à época do colonialismo britânico na Índia tiveram suas vozes silenciadas tanto pelos colonos, uma vez que os britânicos aboliram o ritual de autossacrifício dessas viúvas, sob o pretexto de salvá-las, quanto pelo sistema patriarcal indiano, já que a imolação da viúva garantia a ela a conotação de “boa esposa”, anulando a autenticidade dessa viúva como sujeito (2010, p. 94-120).

Com efeito, Spivak acredita que a *sati*, uma vez na condição de subalterna, não poderia ter voz independente em qualquer circunstância. Diz ele:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernidade” (SPIVAK, 2010, p. 119).

A partir dessa análise do caso das *sati*, o que Spivak defende, em última instância, é que as subalternas – a exemplo de mulheres como Preta-Rara e todas aquelas que desabafam na página “Eu empregada doméstica” – não podem falar. Não porque não querem, mas sim porque, segundo Spivak: “Não há nenhum espaço a partir do qual o sujeito subalterno sexuado possa falar” (2010, p. 121). “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais” (SPIVAK, 2010, p. 126).

Grada Kilomba (2019) dialoga com boa parte as reflexões de Spivak sobre a “subalterna silenciosa”, mas discorda desta autora quanto à ideia de que “as subalternas não podem falar”.

Priorizando a questão do racismo nesse debate, Kilomba argumenta:

O ponto de vista de Spivak [...] é problemático se visto como uma afirmação absoluta sobre as relações coloniais porque sustenta a ideia de que o *sujeito negro* não tem capacidade de questionar e combater discursos coloniais. Esse posicionamento, argumenta Benita Parry (*apud*. Loomba, 1998), delibera surdez para a voz nativa, *onde ela pode ser ouvida*, e atribui um poder absoluto ao discurso dominante *branco*. (KILOMBA, 2019, p. 48, grifos da autora)

Não obstante, Kilomba (2019) admite que, mesmo na era pós-colonial, aqueles que foram colonizados encontram um abismo abissal entre o centro – espaço de quem fala – e a

⁴ *Sati* eram viúvas indianas que optavam pelo autossacrifício de morrerem queimadas junto ao corpo do marido, na pira funerária deste, conforme antiga tradição do hinduísmo (SPIVAK, 2010, p. 94).

margem – espaço no qual apenas se escuta e onde as regras do jogo são obedecidas (KILOMBA, 2019, p. 49-52). As empregadas domésticas estão na margem. Isso significa que elas não podem falar? Não exatamente. O que Kilomba indica é que as mulheres que estão na margem – notadamente as mulheres negras – precisam de uma determinação descomunal para tentar adentrar no espaço do centro – racista e excludente –, para sonharem, ao menos, em ter o direito de falar.

Nesse contexto, Kilomba faz referência ao âmbito acadêmico para sustentar seu ponto de vista, inclusive citando seu próprio exemplo de superação. Embora seja hoje uma intelectual negra consolidada, a ativista lembra que seu ingresso no universo acadêmico alemão para cursar doutorado, em um ambiente dominado pela concepção eurocêntrica branca e colonizadora, foi uma batalha pessoal dolorosa (KILOMBA, 2019, p. 59-62).

Assim como Preta-Rara é hoje uma arte-educadora consolidada, Kilomba se “autodefiniu”, se “autorrepresentou” – citando novamente a concepção de Patricia Hill Collins (2019) – para sair da margem e ter um “espaço seguro” de voz, no centro, qual seja um centro acadêmico, em que ela superou o preconceito existente contra a forma de se conduzir pesquisa científica das/dos ativistas negras/os. Kilomba ilustra isso com propriedade, por meio da sua experiência pessoal:

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: “Você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”, “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específica”; “Esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. (...) Essas não são simples categorizações semânticas; elas possuem uma dimensão de poder que mantém posições hierárquicas e preservam a supremacia branca. Não estamos lidando aqui com uma “coexistência pacífica de palavras”, como Jacques Derrida (1981, p. 41) enfatiza, mas sim com uma hierarquia violenta que determina quem pode falar. (KILOMBA, 2019, pp. 51-52).

Esse relato de Kilomba nos remete às seguintes perguntas: o trabalho literário de Preta-Rara, embora não seja científico, é “muito pessoal”? Será que os relatos potentes que ela expõe no livro *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna e o quartinho de empregada* não poderiam ser fontes valiosas para trabalhos acadêmicos que explorem temáticas de cunho social, como o racismo e a violência? Além disso, o rap de Preta-Rara, com seu forte apelo social e de denúncia contra o racismo e a violência cotidiana, não seria também uma voz de resistência contra a opressão do “centro” de que fala Grada Kilomba? Dadas as reflexões

trazidas até aqui, essas perguntas podem ser consideradas meramente retóricas. Destarte, o ponto de vista deste artigo é que o conjunto do trabalho artístico e literário de Preta-Rara rompe a barreira entre centro e margem; afinal, como observa Kilomba, abordar

[...] posições marginais evoca dor, decepção e raiva. Elas são lembretes dos lugares onde mal podemos entrar, dos lugares nos quais dificilmente “chegamos” ou não “podemos ficar” (hooks, 1990, p. 148). Tal realidade deve ser falada e teorizada. Deve ter um lugar dentro do discurso, porque não estamos lidando aqui com “informação privada”. Tal informação aparentemente privada não é, de modo algum, privada. Não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo. Tais experiências revelam a inadequação do academicismo dominante em relacionar-se não apenas com sujeitos marginalizados, mas também com nossas experiências, discursos e teorizações. (KILOMBA, 2019, pp. 57-58)

Conclusão

A iniciativa de Preta-Rara em dar voz a trabalhadoras domésticas que, geralmente, não têm espaço de destaque para expor as agruras que sofrem, é impactante. A exemplo de Grada Kilomba (2019), o presente artigo discorda de Gayatri Spivak (2010) de que a subalterna não pode falar. Logo, as trabalhadoras domésticas podem falar. Nesse sentido, a contribuição inspiradora de Preta-Rara em criar um “espaço seguro” de fala para essas mulheres certamente encoraja todas que optam por fazer parte dele, compartilhando a sua voz. Isso é relevante, porquanto a página “Eu empregada doméstica” recebe relatos de diferentes regiões do Brasil.

Com efeito, este artigo reconhece que as circunstâncias em que as trabalhadoras domésticas estão envolvidas são condicionantes que limitam a autodefinição sugerida por Patricia Hill Collins. Mas é exatamente no cerne dessas circunstâncias que o trabalho de Preta-Rara atua e reverbera. O potencial da arte-educadora de ser espelho para outras mulheres, sobretudo devido à sua autodeterminação e história de superação, endossa o “poder da autodefinição”. Em cada postagem nas redes sociais, em cada show, palestra, aula ou entrevista, Preta-Rara é uma voz que ecoa para encorajar mulheres com histórias de vida semelhantes à dela. Essa “voz compartilhada”, que para Collins (2019) é significativa, é um instrumento fundamental na busca por encorajamento e emancipação.

Nesse contexto, além de a iniciativa pela autodefinição e autovalorização depender das próprias mulheres, como sustenta Collins, é fundamental considerar que “a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2019, p. 68). E este é o legado de Preta-Rara: ela traz novos discursos, a partir da margem. Discursos que dão visibilidade às subalternas,

permitindo-as imaginar, lutar e transformar a si próprias. Afinal, como diz a própria Preta-Rara em *Audácia*:

Guerreira, brasileira, minha arma o microfone
 Munição papel, caneta e o meu fone
 Quem quiser parar fique aí
 Eu vou me adiantar!
 Sempre tive força de vontade pra continuar.
 (PRETA-RARA, 2018)

Referências bibliográficas:

- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: o poder da Autodefinição. In: *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 341-352.
- FACEBOOK. *#EuEmpregadaDomestica*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/euempregadadomestica>>.
- GONZALEZ, Lélia. "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira". In: Rios, F.; Lima, M. (orgs). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- PRETA-RARA. *Audácia*. São Paulo: Estúdio Showlivre, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vseZyPC5NJ8>>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- _____. *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna e o quartinho de empregada*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- REVISTA CULT (Portal UOL). *Rapper e arte-educadora, Preta Rara faz do desconforto seu motor criativo*. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/preta-rara-faz-do-desconforto-seu-motor-criativo/>>. Publicado em: 11 jul. 2017. Acesso em: 05 jan. 2023.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- TEDx TALKS. *Eu Empregada Doméstica*. Preta Rara. TEDxSaoPaulo. *YouTube*, 12 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo&t=523s>. Acesso em: 06 jan. 2023.